



www.delfimsantos.org

Figuras e ideias da filosofia portuguesa nos últimos cinquenta anos (1995)

Calafate, Pedro

Braga: *Revista Portuguesa de Filosofia* 51, abr.-jun. 1995, 357-358.

II

Começaremos pela área da teoria do conhecimento e pelo foro das questões gnosiológicas e epistemológicas, que muito agitaram a década de quarenta em Portugal. Neste âmbito, destacarei a crítica ao positivismo lógico, que protagonizou, a partir de finais da década de trinta, um fecundo movimento de ideias em que participaram Delfim Santos, Magalhães Godinho, Egídio Namorado e Vasco de Magalhães Vilhena, entre outros.

Delfim Santos conheceu de perto o movimento de ideias lançado pela Escola de Viena, dedicando-lhe uma crítica decisiva em obra surgida no ano de 1938, intitulada *Situação Valorativa do Positivismo*.

O propósito dos neopositivistas ou empiristas lógicos, como se preferir, fora o de estabelecer as bases para a unidade da ciência no âmbito de uma lógica matematizada. A esta luz, a unidade da ciência reduzir-se-ia a um problema de unificação da linguagem científica, no quadro de um formalismo estreme que exclui a partida qualquer fundamentação ontológica, ou tese cosmogónica, fosse ela de raiz espiritualista ou materialista, para além, claro está, da sua própria ontologia, assente num universo de formas lógicas. Criar uma linguagem comum em que se traduziriam todas as proposições do sistema científico e evitar transposições de sentido entre as diferentes linguagens técnicas especiais, tal foi um dos objetivos primaciais do empirismo lógico.

Mais ainda, o neopositivismo acentuará a afinidade da lógica relativamente à sintaxe, à luz da qual todos os problemas lógicos tenderão a ser apresentados como problemas de sintaxe da linguagem. Como corolário encontramos o fundamento comum aos neopositivistas: a unidade da ciência é uma questão de unidade de linguagem a que a logística serviria de modelo, descurando todo o tipo de fundamentação metafísica dita tradicional.

É sobre o neopositivismo que se debruça Delfim Santos na obra atrás citada, importando-nos desde já acentuar a fecundidade do seu método. Na realidade, Delfim



www.delfimsantos.org

Santos afasta-se das críticas mais comuns e porventura mais infecundas, que consistiam em criticar o positivismo partindo de pontos de vista com ele contraditórios, impedindo-nos de ver a sua efetiva contribuição para o aprofundamento dos domínios do saber. É isto que lhe permite valorizar o neopositivismo na esfera de realidade a que como teoria diz respeito. Mas, do mesmo modo, é esta atitude crítica que o conduz a refutar a presunção, para si inadmissível, que vê no empirismo lógico a única escola de filosofia digna desse nome.

O positivismo lógico, lembra Delfim Santos, não implica a descoberta ou constatação de novos factos e novas áreas da realidade para nós ainda desconhecidos, mas permite, não obstante, uma arrumação e sintaxe lógica de descobertas para as quais em nada contribuiu.¹ Essa arrumação, diversa da de Augusto Comte, na medida em que não considera todos os saberes como «casos de aproximação dos limites que seriam os objetos da matemática»,² depende, pelo contrario, da afirmação de um dualismo entre dois saberes radicalmente heterogéneos mas relacionáveis: o da matemática e o das restantes disciplinas cujo objeto imediato não são as relações matemáticas, divisão que comanda a classificação neopositivista das ciências e que é merecedora da sua simpatia.

(...) Para Delfim, pelo contrário, estava na superação da classificação das ciências do positivismo clássico uma das maiores contribuições do neopositivismo. Já a «ingenuidade epistemológica» desta escola lhe merecera um decisivo distanciamento, notando a falta de reflexão séria sobre os limites do conhecimento, pois que este se não pode apresentar como um registo passivo dos chamados 'dados' da experiencia, nem como 'pura constatação'. Importava, pois, assinalar a fragilidade de uma «teoria da perceção», aspeto que continuava uma das fragilidades do positivismo comtiano, assente no divórcio perante a psicologia.

(...) Todavia, para lá da sua critica ao 'atomismo lógico', como generalização, para si abusiva, de um principio de explicação de validade limitada a uma determinada esfera do saber (o da química e da física), para lá da sua critica ao privilégio da análise e do método analítico, que considera de validade circunscrita, o aspeto mais marcante da critica dirige-se ao formalismo estreme que, nada nos oferecendo sobre a realidade, apenas nos pode dar princípios que são agentes de transformação dos enunciados que a designam.

¹ Delfim Santos, *Situação Valorativa do Positivismo, Obras Completas I*, Lisboa, 1982, 173.

² *Ibid.*, 174.